



Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, na abertura do Congresso da Abrasel

Belo Horizonte-MG, 17 de agosto de 2004

Vocês viram que eu trouxe muito papel, de maneira que eu vou falar muito. Podem ficar tranquilos, que vou falar pouco.

Gostaria de transmitir essa informação, de público, a todos os organizadores deste Congresso e a todos os empresários do setor que estão presentes. Estou representando o nosso presidente Lula, que me recomendou que aqui estivesse porque o governo, presidido por ele, está muito agradecido pelo convênio que acaba de ser assinado, nesse esforço de criação de 10 mil primeiros empregos. Isso é muito importante. E o apreço que ele tem por esse objetivo é muito grande. Ele está fora do país e fez questão de me pedir que aqui viesse para representá-lo, nesta ocasião.

Então, minha primeira palavra é de congratulações a todos os profissionais deste segmento da economia brasileira, pelo trabalho que está sendo realizado. E os votos de que o XVI Congresso Nacional da Abrasel seja coroado de êxito, em todos os seus aspectos.

Eu ouvi, com atenção, a todos os oradores que passaram por esta tribuna, e eles abordaram temas muito importantes.

Eu gostaria, obviamente, de cumprimentar a todas as autoridades, aqui presentes, já nominadas,

Gostaria de cumprimentar a todos os empresários,

Às senhoras e a todos os senhores,

Em relação às senhoras, eu me permito cumprimentá-las, todas, na pessoa da ilustre embaixatriz Lúcia Flecha de Lima, que é secretária de Turismo do Distrito Federal, e fez questão também de estar, aqui, para prestigiar este Congresso.



Meus amigos,

Nós temos tido, no Brasil, algumas dificuldades através dos anos. A atividade de bares e restaurantes, obviamente, que sente as mudanças da economia. Quando a economia vai bem, é claro que também os negócios do segmento que todos os senhores representam, vão bem. Então, é preciso que nós todos estejamos atentos aos fatores que são importantes para que o Brasil cresça de forma sustentada.

É claro que o Brasil possui condições excepcionais, recursos naturais e humanos. O Brasil é um dos países mais ricos do mundo. Todos os grandes especialistas têm escrito e admiram, por exemplo, as condições inigualáveis de nossa terra, água e sol – a fotossíntese brasileira, que os especialistas mostram como fator inigualável de desenvolvimento no setor primário.

Os brasileiros também representam outro fator altamente positivo, porque o brasileiro é bom, é pacato, é ordeiro, é trabalhador, é inteligente, é versátil. A própria miscigenação da nossa raça, que também outros especialistas trazem à tona, é a razão pela qual o brasileiro possui esta versatilidade admirável.

Aqui foi dito que o cidadão inicia a sua vida profissional num bar ou num restaurante ou num hotel, às vezes, sem ter passado mesmo por uma escola de nível médio ou uma escola de formação profissionalizante. Mas, ele ingressa naquele seu primeiro emprego, que é também uma escola profissional. Então, é muito comum, como já foi dito, aqui, assistirmos o crescimento de um jovem que arranja um emprego, o seu primeiro emprego num pequeno bar ou num pequeno restaurante e, ali, se desenvolve e ele tem, também, condições de, um dia, se estabelecer com o seu barzinho ou com o seu restaurante.

Todos nós nos lembramos e temos consciência da importância do primeiro emprego. Daí a razão pela qual nós não podíamos deixar de estar aqui, para dizer do apreço do governo em relação a este convênio que foi



assinado.

Eu gostaria de cumprimentar a todos, me lembrando de duas casas daqui de Belo Horizonte, que eu freqüentei durante muitos anos. Uma delas é o Bar do Primo. O Bar do Primo onde nós nos sentávamos e consertávamos o Brasil. Provavelmente, a razão pela qual eu ingressei na vida política, tenha sido a minha presença, ali, conversando com intelectuais, com jornalistas, com médicos, com advogados e com empresários, sobre os problemas nacionais. E, ao mesmo tempo, comíamos bem e tomávamos um “gole” como falam os mineiros.

Mas havia uma outra casa em que nos reuníamos para trabalharmos toda sexta-feira, era o Alpino. Lá embaixo, perto da rua da Bahia, na Tupinambás. Todas as sextas-feiras estávamos lá, os presidentes de empresas de fiação e tecelagem do estado de Minas Gerais. Nos reuníamos para nos queixar, para reclamar da vida que nós passávamos, porque o nosso ramo é duro, é competitivo. E nós nos sentávamos ali.

Então, eu tenho que dizer isso para mostrar a importância da atividade de vocês. Ali, ainda que fosse uma casa muito freqüentada, especialmente às sextas-feiras à noite, assim como o Bar do Primo, aos sábados, de manhã, até o fim da tarde. Eram casas que ofereciam condições, clima, para que houvesse conversas seriíssimas. Alguns investimentos importantes da indústria nacional nasceram daquelas reuniões do Alpino. Ali, nós trocávamos idéias, havia um intercâmbio de informações, porque nós todos estávamos falando a verdade. Porque dizem que “*en vino veritas*”, no vinho a verdade. Naquele tempo até que não se usava muito tomar vinho. Vinho é coisa relativamente nova de uso no Brasil. Naquele tempo tomava-se mais bebida destilada.

Mas a verdade é que vocês prestam um serviço relevante e inestimável, quando trazem para o ambiente que vocês dirigem, seja uma pequena casa, um pequeno bar, um pequeno restaurante, um pequeno hotel, mesmo uma pensão. É aquela história, eu não tinha que falar nada aqui da minha vida. Mas



nós estamos, aqui, assinando alguma coisa que pode representar o primeiro emprego para muitos jovens.

Eu também tive o meu primeiro emprego do qual não esqueço. Eu sou do interior de Minas, nascido no interior do município de Muriaé. E saí de casa para ir para a cidade trabalhar aos 14 anos de idade, quando eu arranjei o meu primeiro emprego. Então, eu devo, também, a uma senhora que era dona de um pequeno hotel, chamado Hotel da Estação, em Muriaé, o equilíbrio do meu orçamento nesse primeiro emprego. Eu fui trabalhar numa loja de tecidos, da Praça João Pinheiro, em Muriaé. E o meu patrão disse assim: “vou lhe pagar 300 cruzeiros por mês.” Eu fiquei entusiasmado, porque para mim era muito dinheiro. Eu, da roça, pensei que ele fosse me levar para sua casa. E ele logo viu que eu estava preocupado e disse assim: “você arranja um hotel ou uma pensão aqui para você morar.” E indicou o Hotel da Estação, que ficava muito perto da loja. Então, eu cheguei lá e fui conversar com a proprietária desse hotel, chamada D. Maria Cantamissa. Ela me recebeu, olhou para mim, um menino de 14 anos: “você, meu filho, quer morar no meu hotel? Meu hotel não tem mensalistas, meu hotel é dos viajantes, são diaristas. Onde é que você vai trabalhar?” Eu vou trabalhar na empresa Souza Irmão, casa de tecidos, aqui na Praça João Pinheiro. “E quanto é que você vai ganhar, meu filho?”. Falei grosso: 300 cruzeiros. Ela disse assim: “ah, você vai ter que arranjar um lugar longe daqui para viver. Eu só tenho um mensalista que é o sr. Nilton, contador do Banco Mineiro da Produção. Ele paga 420 cruzeiros, café da manhã, almoço, jantar e um quarto.” Esse hotel não tinha apartamentos, eram quartos. Os banheiros eram no fundo do corredor. Banheiro coletivo, no fundo do corredor. “E como é que vai ser? Você vai ganhar 300 cruzeiros.”

O hotel era em frente à estação da estrada de ferro Leopoldina. Havia lá, na plataforma da estação, uns bancos. Então, eu brinquei com ela, porque eu me lembrei que no fundo da loja onde eu iria começar a trabalhar no dia seguinte, havia um cômodo onde se guardava capas de fardo, papel, caixas



vazias. E eu pensei que poderia pedir ao meu patrão, para colocar ali uma cama onde eu pudesse dormir. Então, eu perguntei para ela: quanto é que a senhora me cobra pelo café da manhã, almoço e jantar? Aí, ela foi uma matriarca. Ela disse assim: “e, onde você vai dormir?” Porque, eu tenho que repetir, eu era um menino de 14 anos. Então, eu mostrei pela janela, a plataforma da estação. Eu posso dormir ali. A senhora me deixa guardar, aqui, a minha malinha. Nessa malinha estava toda a minha fortuna, três mudinhas de roupa. E eu venho, tomo café, almoço, janto, tomo banho aqui. Ela achou graça naquilo, pegou a minha mão, entrou pelo corredor. Lá tinha, 90° à esquerda, em um canto do corredor, um basculante. Então, ela disse assim: “eu tenho um catre velho e eu posso armá-lo. Você concorda em dormir, aqui, no corredor?” Concordo. Nesse caso, quanto a senhora vai me cobrar? Foi o primeiro negócio que eu fiz na minha vida. Aí, ela disse assim: “café da manhã, almoço e jantar e mais uma cama, aqui, no corredor. Eu te cobro 250 cruzeiros.” Ela já quis ajustar aquele valor ao meu orçamento, que era de 300 cruzeiros. Eu disse assim: aí não D. Maria, pois eu vou morar no corredor, a senhora pode me fazer um preço melhor. E fui negociando. Acabamos combinando por 220 cruzeiros. Eu disse assim: nesse caso, com a roupa lavada. Ela concordou, porque tinha lavanderia lá no hotel. Eu vivi um ano e meio nesse corredor.

Não tenho outra coisa senão saudade. Não tenho mágoa disso, de forma alguma, tenho saudade daquele tempo. E conto isso, de fato, emocionado, porque me lembro de cada passagem. Foi o meu primeiro emprego. Mas, conto isso orgulhoso, porque eu equilibrei o meu orçamento. O meu orçamento passou a ser superavitário aos 14 anos de idade. E sobravam uns trocados para pagar um professor que me ensinava matemática e português, porque quando saí de casa, o meu pai disse assim: “meu filho, se você não puder fazer outra coisa, estude aritmética e português. Aritmética para te facilitar o raciocínio, e português para que você possa se comunicar bem.”



Então, arranjei esse professor e pagava 15 cruzeiros por mês. Ele me dava aula quatro domingos, quatro ou cinco em alguns meses, por mês. E essas aulas eram pela manhã. Elas começavam às oito horas e íamos até às onze horas. E não raro, eu ainda o convidava para almoçar lá no hotel da D. Maria, onde a comida era um colosso. E pagava.

Então, meus amigos, eu estou contando isso para vocês, porque vocês são todos empresários que podem ser grandes, hoje, mas foram pequenos um dia. E há muitos que estão trabalhando com vocês, no bar ou no restaurante, e que serão empresários amanhã.

Cada empresa é uma fração da economia, por menor que seja. Por isso as empresas pertencem, de fato, à comunidade do bairro onde ela está, da cidade onde ela está situada, do estado e do país. Cada empresa é uma fração da economia. Há frações gigantescas, como por exemplo a Petrobrás. E há frações minúsculas, como um pequeno bar de um jovem que está começando a sua vida. Mas a verdade é que, tanto a Petrobrás como aquela pequena empresa daquele jovem, pertencem à comunidade. Pertencem à comunidade por quê? Porque ela é uma fração da economia.

Se nós queremos uma economia próspera, forte e independente, como meio para alcançarmos os objetivos sociais, é preciso que cada fração seja próspera, forte e independente.

Então, vou concluir, lhes desejando prosperidade, lucro, lucro honesto. O lucro é a razão de ser do enriquecimento dessas empresas, sejam elas de que tamanho forem. E este lucro, portanto, representa o fortalecimento da economia nacional.

Muito obrigado a vocês e parabéns pela realização deste Congresso.